

LITERATURA PARA NOSSOS ALUNOS: A DESCOBERTA DO EU E O ENCONTRO DO OUTRO

Célia Maria Borges Machado¹

Resumo: Este artigo apresenta uma reflexão sobre os contos *A Prece* de Samuel Rawet e *A Doida* de Carlos Drummond de Andrade, considerando-os como espaço de interlocução na sala de aula que possibilitam o encontro do eu e a descoberta do outro. A análise demonstra como textos clássicos da literatura podem transformar a sala de aula em um ambiente de troca de experiências entre estudantes que, além de possibilitar a formação do senso estético-literário, permitem a discussão de questões problemáticas vividas hoje, como a situação do imigrante, a do pobre suburbano brasileiro, a do caminhante solitário e a do marginalizado.

Palavras-chave: Literatura, textos clássicos, desafios, senso estético, formação.

LITERATURE FOR OUR STUDENTS: THE DISCOVERY OF SELF AND THE MEETING OF THE OTHER.

Abstract: This article presents a reflection on the tales *Prayer* by Samuel Rawet and *A Doida* by Carlos Drummond de Andrade, considering them as a space of interaction in the classroom, which allows the encounter of self and the discovery of the other. The analysis demonstrates how classical literature can turn the classroom into an environment for an experience exchange among students, which not only enables the formation of the aesthetic-literary sense, but also allows us to discuss problematic issues experienced today, such as the situations of the immigrant, of the Brazilian suburban poor, of the lonely walker and of the marginalized.

Keywords: Literature, classical texts, challenges, aesthetic sense, training.

Em *Por que ler os clássicos*, Ítalo Calvino apresenta ao leitor uma definição do termo clássico. Segundo ele, “Os clássicos são aqueles livros dos quais, em geral, se ouve dizer: “Estou relendo...” e nunca “Estou lendo”. É importante ressaltar esse aspecto quando o propósito é fazer uma reflexão sobre literatura e aulas de literatura ou sobre a literatura e o leitor. Não nos restam dúvidas de que falar de literatura e ensiná-la em sala de aula é um desafio. São muitas as adversidades que encontramos, dado o contexto social em que vivemos, por exemplo: o não saber ouvir; o desafio para com a leitura; a pouca experiência

¹ Graduada em Letras pela Universidade Federal de Uberlândia - UFU; Mestre em Estudos Literários pela Universidade de Minas Gerais - UFMG; Professora de Língua Portuguesa da Prefeitura Municipal de Uberlândia, atuando como formadora do Centro Municipal de Estudos e Projetos Educacionais Julieta Diniz - CEMEPE; Professora do Centro Universitário do Triângulo – UNITRI.

de alteridade que nossos alunos podem ter, mas, ao contrário de tudo isso, podem ser experimentados pela leitura prazerosa do texto, mediada pelo professor.

Todo mundo gosta de contar e de ouvir histórias. Basta observarmos, por exemplo, a telenovela brasileira. Quando o telespectador se identifica com o enredo e os personagens, o país para a fim de ver os capítulos. A fofoca também é outro texto muito evidenciado, que chama a atenção de qualquer ouvinte ou leitor. Assim, uma história muitas vezes recheada de ironia, de humor, de risos e, principalmente, de maldades leva as pessoas a interagirem, estabelecendo trocas e negociações de linguagem.

Na sala de aula isso também ocorre. Ela se torna um espaço para a externalização dos sentimentos, de pensar sobre a condição humana. Desse modo, a ideia de levar textos clássicos para o âmbito da sala de aula, que possibilitem uma reflexão sobre as questões humanas, merece discussão. Os textos aqui em debate são exemplares² por falarem sensivelmente a sujeitos em formação. São eles: *A Prece*, de Samuel Rawet e *A Doida*, de Carlos Drummond de Andrade.

O primeiro, *A Prece*, trata da história de uma mulher judia que mora em um casarão, uma espécie de cortiço que abriga várias famílias e pessoas pobres. Essa senhora perambula pelas ruas da cidade grande todos os dias, vendendo pequenas coisas como cadarços, grampos, sabão, meias, utensílios, para arranjar dinheiro, tal como os mascates que, ao chegarem ao Brasil no início do século XX, ganhavam a vida comercializando utilidades domésticas.

Chama-se Ida, a velha senhora. Ela passa a habitar o casarão depois de ser despejada de uma casa onde morara por um mês, quando aportara no cais. Única sobrevivente de uma família de quatro pessoas, Ida vinha com as lembranças e dores do que sobrara da guerra –

² Exemplar aqui tem um sentido benjaminiano – segundo as proposições de Walter Benjamin no ensaio *O Narrador* –, isto é, como a narrativa é importante para a constituição do sujeito, como ela pode contribuir para a troca de experiências, para a rememoração e, dessa forma, criar um espaço de abertura para o outro.

trata-se da Segunda Guerra Mundial – em que perdera marido e filhos. Como o próprio narrador nos conta: “A princípio receberam-na em casa de alguém, mas como novidade, bicho raro de outras terras que tem histórias para mais de um mês. As histórias cansaram. A bondade também. Veio o casarão com uma língua que não entendia [...]” (RAWET, 1998, p. 34.).

É no casarão que a velha Ida passa a sofrer os abusos e agressões dos moleques que lá habitam. Depois de um dia de trabalho, a velha senhora chega à casa com o corpo dolorido, os pés cheios de marcas da perambulação pela cidade e a molecada do prédio está a sua espera, para “zoar” dela. São muitas as agressões que recebe. Pedras são lançadas em sua direção; imitam sua língua engrolada, seu modo de andar e sua curvatura humilde e pobre. Ida, humilhada, entra em seu quarto e observa que o relógio já marca quatro horas. Sexta-feira! Era preciso se preparar para a Prece³. Rapidamente, inicia os preparativos. Retira os castiçais da gaveta, estende uma toalha branca sobre uma mesa que serve também de guarda-roupa e de cômoda, acende velas, amarra um lenço branco na cabeça e fecha os olhos “com o corpo em balanço”. (RAWET, 1998, p.34)

Ocorre, porém, que de acordo com a interpretação do garoto que estava à espreita pelo buraco da fechadura, a estrangeira fazia algo perigoso. Desse modo, anuncia a todos os moradores do casarão o fato estranho e, em poucos minutos, uma multidão se ajunta na porta de Ida. “Um jato em dialeto estranho, lamento gritado, escapava da porta de Ida. A voz era quente e forte, ninguém a havia ouvido assim, e deu um nó no povaréu que se comprimia no corredor. As suspeitas aumentaram” (RAWET, 1998, p. 36).

Uma das mulheres, então, dá ordem para arriar a porta. Ida não apenas rezava, mas seus gritos desesperados tornaram-se imprecações contra seu Deus. Sequer ouviu que batiam

³ O narrador refere-se ao *Shabat*: oração sagrada dos judeus que se inicia com o acender de duas velas, às 18h, às sextas-feiras. O gesto de acender as velas quase sempre é feito pelas mulheres que, após acendê-las, cobrem a cabeça para fazer a prece.

à porta e logo uma multidão invadiu seu espaço e o quadro que a multidão assiste é o da materialização da dor. No dizer do narrador, “as lágrimas fartas” e o sofrimento que veem no rosto de Ida, denuncia o ato violento que praticaram e a vergonha, então, toma conta de todos. Brito, o garoto intérprete-fofoqueiro apanha da mãe que ressentida do ato indigno praticado pelo filho. Ida, porém, permanece em seu quarto, inerte, incapaz de reagir, oca, segundo o próprio narrador.

O segundo conto, *A Doida*, de Carlos Drummond de Andrade nos apresenta um relato, de certa forma, semelhante ao de Rawet. Aqui também temos garotos zombadores, mas em número menor. São três meninos que, ao amanhecer, seguem até o córrego “para o banho e a pega de passarinho”. Ocorre, porém, que para ir até o córrego, passava-se rente a um chalezinho, “situado entre o barranco e um chão abandonado” (DRUMMOND, 2002, p. 96), que era habitado por uma velha senhora: “A Doida”.

Como em qualquer cidade do interior, histórias diversas eram contadas sobre a maluquice daquela mulher. Alguns diziam que fora abandonada na noite de núpcias, que se casara com um rico fazendeiro e, ao casamento, seguiu-se uma bela festa. Porém, não se sabe por que, os noivos discutiram violentamente naquela noite. Falavam que “o marido ergueu-se terrível e empurrou-a no calor do bate-boca; ela rolou escada abaixo, foi quebrando ossos, arrebatando-se. Os dois nunca mais se viram” (DRUMMOND, 2002, p. 96-97).

Havia também outras versões. Dizia-se, ainda, que ela havia sido expulsa de casa pelo pai que vira na filha uma possível assassina. Todos sabiam que o velho tinha muitas posses e que aqueles que o cercavam desejavam sua morte, que, por sinal, não vinha. Então, em certa manhã, o fazendeiro sentira no café um amargo estranho que lhe parecera veneno. Acreditando que a filha agia para levá-lo ao túmulo, expulsa-a de casa. A moça passa, então, a viver seu abandono e desprezo naquele chalé à beira do córrego.

Sempre que por ali passavam, os garotos atiravam pedras na casa, para ver a mulher aparecer à janela, com os cabelos brancos e desgrenhados e xingá-la. Naquele dia, porém, por mais que os garotos atirassem pedras no chalé, a doida não aparecia. Na algazarra, o chefe do grupo acertara a chaminé; o segundo mirara a janela, o terceiro, um garoto de onze anos, por não sentir ressonância na arte dos amigos, resolvera, por assim dizer, investigar o ambiente.

Dessa forma, o menino avança em direção ao jardim que dá acesso a casa. Logo, o narrador nos conduz para o imaginário do personagem, valendo-se, aqui, do discurso indireto-livre. Então, passamos a acompanhar movimento e pensamentos do menino, excitado com a experiência de pisar em chão inimigo.

Fato curioso é que o narrador vai conduzindo o discurso como se houvesse um campo de guerra. Porém, ao abrir o portão do jardim, o menino indaga o motivo de não estar trancado aquele portão. Observa, também, algumas flores do jardim tomadas pelo mato, como se tivessem sido abandonadas pelo cuidador e, desse modo, passamos a ter acesso aos pensamentos do personagem. “Curioso como o jardim se parecia com qualquer um; apenas era mais selvagem [...] Lá estava quentando sol a mesma lagartixa de todos os jardins, cabecinha móbil e suspicaz. O menino pensou primeiro em matar a lagartixa e depois atacar a janela” (DRUMMOND, 2002, p. 97).

Podemos observar que Rawet e Drummond, nessas narrativas, conseguem capturar o real e, de forma verossímil, transpor esse real para o mundo do texto, trazendo ao leitor sensibilidade, reconhecimento e aprendizado. Vale destacar que a personagem Ida está em sua casa, cumprindo um ritual de orações que aprendeu desde a infância, que a liga ao seu passado, à sua cultura e é ultrajada, invadida por uma multidão.

Em “A Prece”, de Rawet, pessoas marginalizadas marginalizam outra. Isso é, até mesmo aqueles que fazem parte de um mesmo sistema social, de uma mesma comunidade,

de tal forma se tornam insensíveis que praticam a agressão inadvertidamente. Ida, sendo estrangeira, alguém que não tem o domínio da língua, habitando uma terra madrastra, ou seja, absolutamente só, indefesa, sofre agressões de pessoas que também vivem à margem.

Sensivelmente, Samuel Rawet apresenta ao leitor a crueza da vida do imigrante que sofre o preconceito e a rejeição em um ambiente hostil, num país estranho, em um mundo que nunca lhe pertencera, mas que tenta, de todas as formas, nele sobreviver. Sua narrativa vai apresentando ao leitor um indivíduo desagregado, sem identidade, distante de qualquer grupo, experienciando a solidão e o abandono. E, dada a técnica narrativa tão bem articulada, o autor nos coloca no lugar do outro, do marginalizado, pois sua história é tecida de forma que o sofrimento vivido por Ida, o vazio das mortes trazidas pela guerra e aquela tristeza imensa espelhada pela personagem vai tomando conta de nós.

Dessa forma, observamos que, por meio da narrativa, é possível conduzir os alunos a uma reflexão madura sobre a condição do imigrante, do pobre suburbano, do marginalizado, do oprimido. Segundo Gabriel Antunes, Samuel Rawet “propõe-se a difícil tarefa de dizer o silêncio de suas personagens, cada palavra da narrativa conduz o leitor a experimentar o deslocamento linguístico e social por que passam” (ANTUNES, 2011, p. 23). Ainda de acordo com Antunes, o autor pouco fala dessas personagens. “O leitor é jogado no meio de uma vida e apenas fragmentos de reminiscências a linguagem abre espaço no amplo silêncio” (ANTUNES, 2011, p. 23) dada a lógica da narrativa, que é ligada ao indivíduo em sua vivência. Assim é Ida. Profundamente só, sem domínio da língua, ela se torna alvo da ironia e crueldade daqueles de quem está perto e a única possibilidade de interação estabelecida é um gesto, um olhar, um grunhido.

Apresentar aos alunos a leitura de textos que ilustram a maneira como nos comportamos socialmente, fazendo-os perceber que é o comportamento humano que provoca o distanciamento, a dissociação e o ódio, é uma significativa contribuição de

amadurecimento. Assim, ao ler *A Prece*, por exemplo, o leitor em formação vai percebendo que a pessoa maltratada precisa exatamente do contrário daquilo que recebe, isto é, da ajuda, do afeto, da acolhida. Ou seja, pela literatura é possível conduzir a um mundo melhor, a uma reflexão madura sobre a sociedade e de como as pessoas se comportam em grupo, levando-os a refletir sobre suas próprias ações.

Não vemos algo muito diferente no conto de Drummond. Os ambientes são diferentes, as pessoas são diferentes, mas as atitudes são similares. Vale observar que Drummond faz escolhas lexicais extremamente eficazes, para nos transportar para o mundo do texto, conforme relata o narrador: para o “campo de guerra” executado diariamente pelos garotos. “Jardim selvagem”, “terreno proibido”; “o chalé em rua abandonada”, “nenhum sinal de guerra” são palavras e frases que, de certa forma, denotam o ambiente e o espaço da guerra travada entre os meninos e a mulher excluída do mundo social.

Por outro lado, o autor também nos fala do comportamento de mães zelosas que aconselhavam seus filhos: “As mães diziam o contrário: que era horroroso, poucos pecados seriam maiores. Dos doidos devemos ter piedade, porque eles não gozam dos benefícios com que nós, os sãos, fomos aquinhoados sobre atitudes honestas” (DRUMMOND, 2002, p. 96).

Isto é, pelo conto, Drummond nos coloca uma questão fundamental que deve ser discutida em sala de aula: o que é a razão e o que é a loucura? Em estudos sobre a loucura, Roberto Machado traduzindo textos de Michel Foucault afirma que os estudos clássicos sobre o tema traziam a loucura como um estado do “não ser”, isto é, prova *o contrário* da razão. Tais referências possibilitam essa leitura equivocada da sociedade, pois se o sujeito louco “*não é*”, ou seja, inexistente racionalmente, então, que seja maltratado, apedrejado, excluído.

Observa-se que o ranço do preconceito está na essência de uma leitura antiga do conceito de loucura. Percebe-se, também, que um pensamento estruturado nos estudos

clássicos alimenta um comportamento negativo, firmado ainda que inconscientemente pelas comunidades mais contemporâneas. Mas há, por exemplo, outros elementos do conto que possibilitam tais representações:

Em vão os pais censuravam tal procedimento. Quando meninos, os pais daqueles três tinham feito o mesmo, com relação à mesma doida, ou a outras. Pessoas sensíveis lamentavam o fato, sugeriam que se desse um jeito para internar a doida. Mas como? O hospício era longe, os parentes não se interessavam. E daí – explicava-se ao forasteiro que porventura estranhasse a situação – toda cidade tem seus doidos; quase que toda família os tem (DRUMMOND, 2002, p. 96-97).

A loucura é assim explicada e os atos violentos contra o sujeito indefeso também. Afinal, o louco não demanda movimento, não exige direitos, não cobra respeito, apenas se marginaliza, afastando-se dos agressores, na tentativa de defender o pouco que lhe resta de razão.

Mas Drummond, consciente da provocação que faz ao leitor, possibilita a redenção do garoto que invade o chalé com uma pedra na mão. Ao perceber que a Doida se encurralara em apenas um cômodo da casa, que transportara todos os seus móveis para aquele canto na tentativa de fugir às pedradas que recebia ao longo de quarenta anos, segue curioso e indagativo.

O menino foi abrindo caminho entre pernas e braços de móveis, contorna aqui, esbarra mais adiante. O quarto era pequeno e cabia tanta coisa. Atrás da massa do piano, encurralada a um canto, estava a cama. E nela, busto soerguido, a doida esticava o rosto para a frente, na investigação do rumor insólito. Não adiantava ao menino querer fugir ou esconder-se. E ele estava determinado a conhecer tudo daquela casa. De resto, a doida não deu nenhum sinal de guerra. Apenas levantou as mãos à altura dos olhos, como para protegê-los de uma pedrada. Ele encarava-a, com interesse. Era simplesmente uma velha, jogada num catre preto de solteiro, atrás de uma barricada de móveis. E que pequenininha! O corpo sob a coberta formava uma elevação minúscula. Miúda, escura, desse sujo que o tempo deposita na pele, manchando-a. E parecia ter medo (DRUMMOND, 2002, p. 99).

Ao se defrontar com a Doida cheia de medo, o menino se dá conta de que ela está precisando de algo e se aproxima para ajudá-la. De tão fraca, a velha senhora não consegue sequer balbuciar qualquer palavra. Seu corpo magro e pequenino em cima do catre expressa um desejo incomunicável. O garoto é invadido, nesse momento, por um profundo sentimento de responsabilidade. Resolve que não vai abandoná-la para chamar ninguém. “Sabia que não poderá fazer nada para ajudá-la, a não ser sentar-se á beira da cama, pegar-lhe nas mãos e esperar o que ia acontecer” (DRUMMOND, 2002, p. 100).

Vale observar que o garoto ao avistar a mulher sobre a cama tem certa repulsa. Porém, na medida em que se aproxima, vê que ela está precisando de ajuda e muda de atitude. Podemos observar, assim, que o narrador dá ao personagem a possibilidade de se redimir de seus erros, ou seja, o menino, ao ser invadido por um sentimento de piedade, torna-se compassivo e bondoso.

Assim, com um olhar observador e sensível sobre os textos: *A prece* e *A doida* observa-se que ambos consistem em importantes recursos para promover boa reflexão em sala de aula. A questão do desrespeito, da intolerância, do medo, da agressividade, dos maus-tratos tão presentes no ambiente escolar podem ser discutidos via literatura e, por meio dela, transformar a sala de aula em um espaço de conversas agradáveis, prazerosos e de muito aprendizado, além, é claro, de desenvolver o senso estético, possibilitando, ainda, oportunizar ao leitor em formação, a descoberta do eu e o encontro do outro.

Referências

- ANDRADE, Carlos Drummond de. **A doida** In: Contos de Aprendiz. São Paulo: Record, 2002, 192p.
- ANTUNES, Gabriel. **A escrita errante de Samuel Rawet**, 2011, 97f. Dissertação apresentada ao Departamento de Teoria Literária da Universidade de Brasília. Brasília, 2011.

BENJAMIN, Walter. **O Narrador**. In: Magia e Técnica, arte e política. São Paulo: Brasiliense, 1993.

CALVINO, Ítalo. **Por que ler os clássicos**. São Paulo: Cia das Letras, 1993.

MACHADO, Roberto. **A loucura** In: Foucault, a filosofia e a literatura. 2.ed. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed., 2001, p.15-52.

RAWET, Samuel. **A Prece**. In: Contos do Imigrante. Rio de Janeiro: Ediouro, 1998.